

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1924, aos 48 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1912), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que reside no Rio de Janeiro, trabalhou na biblioteca do estado (atual) e dedicou-se ao magistério em cursos de Direito, Letras e do Serviço Antropológico. Em Recife, em 1912, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense e publicou as seguintes obras: *Os Caramuru* (1911), *Os Caramuru* com José de Alencar (1912), *Os Caramuru* (1913), *Os Caramuru* (1914), *Os Caramuru* (1915), *Os Caramuru* (1916), *Os Caramuru* (1917), *Os Caramuru* (1918), *Os Caramuru* (1919), *Os Caramuru* (1920), *Os Caramuru* (1921), *Os Caramuru* (1922), *Os Caramuru* (1923), *Os Caramuru* (1924).

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Tese sobre o tema que foi apresentada ao Conselho Acadêmico da Academia Cearense de Letras. Após o período de trabalho acadêmico, quando foi eleito presidente do conselho, organizou a primeira edição da antologia. Com a ajuda de Leonardo Melo, organizou a segunda edição da antologia acadêmica, ocasião em que o tema foi o mesmo: *Os Caramuru*. Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMAPÉ

LEONARDO MELO
1914

Vence a Fúria e o Desejo,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas do Proconceito
Recupera novos bens,
Tirando a fim a unidade,
Magnando a Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Féria é Glória condida.

Os céus se vestem de espumas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

BEATRIZ ALCÂNTARA

Maria Beatriz Rosário de Alcântara nasceu em Fortaleza, Ceará, no dia 9 de fevereiro. Possui cidadania luso-brasileira. Licenciada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Ceará com especialização em Programação e Planejamento Educacional. É mestre em Literatura pela Universidade de Brasília. Tem cursos realizados na Suíça, Portugal e França. Foi professora de Literatura de vários colégios de Fortaleza e da Universidade Estadual do Ceará.

Ensaísta, contista e poetisa. Publicou as seguintes obras: *La revolte positive de Simone Beauvoir*, 1973; *Boletim de poesia*, 1977 (parceria); *Fernando Pessoa e o momento futurista de Álvaro Campos*, 1985; *O outro lado do olhar*, 1988, (contos, em parceria); *La parure*, 1992; *Daquém e dalém-mar*, 1993; *Academia Brasilica dos Esquecidos*, 1993; *Água da pedra*, 1997; *O portal e a passagem*, 1999; *Amor nos trópicos*, 2000, (coletânea organizada com Lourdes Sarmento); *Folha de prata*, 2002; *Livre sintonia*, 2005; e *Autos de Natal em Fortaleza*, 2007.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 30 de novembro de 1994, sendo recepcionada pela acadêmica Marly Vasconcelos. Ocupa a vaga deixada pelo acadêmico Newton Gonçalves, cadeira número 16, cujo patrono é o escritor Franklin Távora. É membro honorário da Academia de Letras e Ciências de São Lourenço, Minas Gerais, da Academia Carioca de Letras, diretora cultural da Academia Fortalezense de Letras e pertence à Academia de Letras e Artes do Nordeste - seção do Ceará.

INTROMISSÃO

*Como um cachorro vadio que entra inesperadamente
numa fotografia
vejo o tempo invadir meu corpo e dizer que a
maturidade chegou
vejo a sensatez apoderar-se de minha
alegria e dizer acabou.*

CALDEIRÃO DA SANTA CRUZ

*O sol encerra tudo
de tanto ardor
aridez
sequidão*

esgarça o ventre da terra.

Entre o céu

e os olhos

não há mais cor

só ilusão de areia

pedras, pedranceira.

Um silêncio exangue

acusador

acolhe o lastro de poeira

dos apiedados invasores.

Uma curva,

revelação e encontro

de escombros

vigia do Beato

ruínas presas

à fogueira mística.

A destruição

desce o morro

terra do vazio

ímpio,

só o cruzeiro

anuncia o mistério

na sobrevivência

da igreja-capela.

Da chacina

sobrevivente

narra o fogo

gritos e aflições

para os visitantes

sedentos de sombra,

mas a dor não está mais com ele

permanece calada no eco mudo

dos morros desnudos

no tempo agreste

que enterrou os viventes

no Caldeirão da Santa Cruz

do Cristo Santo, dos desertos.

APARÊNCIA

*Nada é nítido
nem a transparência
do vento
resiste
à menor
incandescência*

FONTE: POEMAS SELECIONADOS PELA AUTORA.

RESSONÂNCIAS

Quando criança dormia-me
Contemplando o vulto sine
Do campanário de flocos.

As bordadas das paredes
Que eu lia
Regozija com sua voz sinuosa

Solando, na tua voz de bronze
Ressonâncias que se iam em ondas
Pelo espaço afogar...

Eu apontava a tua rapidez sine
Luzes cor-de-rosa a ressonância
Daquele que batia em sine